

Todas as Religiões Não São Basicamente a Mesma Coisa?

R. C. Sproul

Em análise final esta é a questão a ser enfrentada: Deus é mesquinho a ponto de oferecer apenas um caminho para a salvação?

Nosso tremendo esforço em encarar esta pergunta é devido em parte ao impacto dos resultados da abordagem do século dezenove ao estudo da religião comparada. Os estudiosos do século dezenove fizeram um esforço conjunto no sentido de examinar detalhadamente as características distintas das principais religiões do mundo. A palavra-chave da época era “essência”. Muitos estudos sérios sobre religião foram publicados sob títulos como *A Essência da Religião* ou *A Essência do Cristianismo*. Esses livros refletiram uma tentativa de chegar ao núcleo básico da verdade religiosa encontrado em toda religião.

A religião foi freqüentemente reduzida ao seu mínimo denominador comum. A essência destilada da religião destacou-se repetidamente através da frase “a paternidade universal de Deus e a irmandade ou fraternidade universal do homem”. Foi visto assim que, na verdade, todas as religiões trabalhavam para um fim comum. Os adornos externos da crença e prática religiosa diferiam de cultura para cultura, mas seus alvos eram em suma os mesmos. Desde que todas as religiões se igualavam em sua essência, nenhuma delas poderia então reivindicar validade exclusiva.

Desta busca da essência da religião surgiu a agora famosa e popular “analogia da montanha”. Esta analogia descreve Deus no alto da montanha e o homem em sua base. A história da religião é o relato do esforço humano para mover-se da base para o pico, a fim de gozar da companhia e comunhão com Deus. A montanha tem muitas estradas. Algumas delas sobem quase diretamente ao alto. Outras rodeiam a mesma em círculos, mas eventualmente alcançam o topo. Desse modo, conforme os inventores desta analogia, todas as estradas religiosas, embora sigam rotas diferentes, chegam afinal ao mesmo lugar.

Com base nesta convicção de que todos os caminhos levam a Deus surgiram inúmeros movimentos ecumênicos, tentativas pan-religiosas e até mesmo novas religiões como a Bahai que procura uma síntese e fusão total de todas as religiões do mundo em uma única.

Conversei certa vez com um sacerdote Bahai. Ele me afirmou que todas as religiões eram igualmente válidas. Comecei a interrogá-lo quanto a pontos de conflito que existem entre o islamismo e o budismo, entre o confucionismo e o judaísmo e entre o cristianismo e o taoísmo. O homem respondeu que não sabia nada sobre islamismo, judaísmo, ou o resto, mas tinha certeza de que todos eram iguais. Fiquei imaginando como alguém pode afirmar que todas as religiões se equivalem quando não tem conhecimento do que essas crenças professam ou negam. Como o budismo pode ser verdadeiro quando *nega* a existência de um Deus pessoal e, ao mesmo tempo, o cristianismo ser verdadeiro quando *afirma* a existência de um Deus pessoal? Será que é possível haver um Deus pessoal e não haver um Deus pessoal ao mesmo tempo e no mesmo relacionamento? O judaísmo ortodoxo pode estar certo quando nega a vida após a morte e o cristianismo igualmente certo ao afirmar a vida após a morte? O islamismo clássico poderá endossar como ética válida a matança de infiéis, enquanto ao mesmo tempo a ética cristã de amar aos inimigos é também válida?

Só existem duas maneiras possíveis de manter uma validade igual para todas as religiões. Uma delas é ignorar as claras contradições entre elas fugindo para a irracionalidade; a outra é colocar essas contradições num plano de insignificâncias secundárias. Esta última abordagem nos envolve num processo sistemático de reducionismo. O reducionismo despoja cada religião dos elementos considerados vitais pelos adeptos da mesma e reduz a religião ao seu mínimo denominador comum. As distinções de cada religião são obscurecidas e diluídas a fim de alcançar a paz religiosa.

Como este reducionismo se efetua? Talvez haja muitas motivações nesse sentido. Um dos fatores mais poderosos é certamente o desejo de pôr fim às controvérsias religiosas e às agitações provocadas por elas. As diferenças de convicção religiosa levaram repetidamente a conflitos graves entre pessoas, afastamentos familiares, formas violentas de perseguição religiosa e em muitos casos até à guerra. Se pudermos então alcançar uma essência religiosa universal talvez tenhamos condições de impedir essas disputas dispendiosas. O alvo é a paz. O preço é a verdade.

Se a religião trata de questões de interesse supremo, não é de admirar que os debates religiosos provoquem tamanha paixão. Mas se estivermos interessados na verdade, jamais poderemos descobri-la, negando as diferenças reais nas reivindicações quanto à mesma. A paz produzida pelo reducionismo é falsa e carnal. Lembramos dos falsos profetas de Israel que numa tentativa desesperada de evitar conflitos gritavam: “Paz, paz”, quando não havia paz. O lamento de Jeremias continua significativo: “(Esses homens) curam superficialmente a ferida do meu povo” (Jer. 8:11).

Uma coisa é buscar uma atmosfera de debate religioso caracterizada pela caridade; outra bem diversa é dizer que os assuntos discutidos não são importantes. Uma coisa é proteger o direito de toda pessoa religiosa de seguir os ditames de sua consciência sem temer perseguição; outra coisa é afirmar que convicções opostas podem ser ambas verdadeiras. Devemos notar a diferença entre tolerância igual sob a lei e validade igual segundo a verdade.

FONTE: *Razão para Crer*, R. C. Sproul, Mundo Cristão, pág. 27-29.